



## **ENTRE A PRESENÇA E A AUSÊNCIA: ANÁLISE DAS ADAPTAÇÕES PEDAGÓGICAS NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE ALUNO COM TEA NO ENSINO FUNDAMENTAL II NA EA-UFPA.**

Pablo Henrico de Sousa Queiroz<sup>1</sup>  
Antonio Junior Ribeiro Lopes<sup>2</sup>

### **RESUMO**

O presente trabalho consiste em um relato de experiência desenvolvido a partir da atuação como monitor no acompanhamento pedagógico de um estudante com Transtorno do Espectro Autista (TEA), em uma instituição de ensino vinculada à Universidade Federal do Pará, no município de Belém, no período de setembro de 2025 a janeiro de 2026. O objetivo foi analisar como a presença e a ausência de atividades adaptadas impactaram o processo de ensino-aprendizagem do aluno. A pesquisa adotou abordagem qualitativa, fundamentada em revisão bibliográfica sobre educação inclusiva, TEA e Tecnologia Assistiva, além da análise documental de relatórios de monitoria e de fotografias de atividades adaptadas nas disciplinas de Matemática e História. Os resultados evidenciaram que as adaptações, elaboradas pelos professores das disciplinas, favoreceram maior participação, autonomia e compreensão dos conteúdos, especialmente quando estruturadas de forma visual, fragmentada e previsível. Entretanto, observou-se que tais práticas não ocorreram de maneira sistemática em todas as disciplinas, revelando desafios na consolidação de uma cultura escolar inclusiva. Conclui-se que a efetivação da inclusão depende da institucionalização de práticas pedagógicas flexíveis, fundamentadas teoricamente e integradas ao planejamento curricular, superando ações pontuais e promovendo acesso equitativo ao conhecimento.

**Palavras-chave:** Educação Inclusiva, Transtorno do Espectro Autista, Atividades Adaptadas

### **INTRODUÇÃO**

A experiência relatada neste trabalho emerge de minha atuação como monitor no acompanhamento pedagógico de um aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA), em uma instituição de ensino localizada em Belém do Pará, vinculada à Universidade Federal do Pará. A vivência cotidiana com esse estudante possibilitou observar, de

---

<sup>1</sup> Graduando em Licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará/ Monitor Pibasic /Pablohenrico19@gmail.com

<sup>2</sup> Professor Substituto de Educação Especial e Inclusiva, Mestre em Administração, e-mail: anjrlopes@gmail.com

# EDUCAÇÃO, DEMOCRÁCIA E DIVERSIDADES

Diálogos para o ensino, pesquisa e extensão  
na Educação Básica



XVI Fórum de Pesquisa e Extensão da EAUFPA  
VI Seminário de Inclusão na Educação Básica da EAUFPA  
V Seminário de Estágio da EAUFPA

maneira concreta, a presença e a ausência de atividades adaptadas no processo de ensino-aprendizagem, revelando tensões entre os princípios da educação inclusiva e as práticas efetivamente realizadas no contexto escolar. Ademais, para melhor apresentação dos dados coletados e análise, o presente texto será organizado em introdução, metodologia, discussões e considerações finais.

Primeiramente, faz-se necessário uma breve contextualização sobre educação inclusiva. De acordo com Mantoan (2003), educação inclusiva não se restringe ao acesso do estudante com deficiência à escola regular, mas implica transformações estruturais das práticas pedagógicas, ou seja, a Escola, como organismo social vivo, deve se adaptar às necessidades especiais do aluno. Ademais, durante minha experiência de monitoria pude perceber que a simples permanência do aluno em sala não garantia sua participação efetiva nas atividades propostas. Em diversos momentos, a ausência de adaptações evidenciava a permanência de uma lógica integracionista, na qual o estudante precisava adequar-se ao modelo já estabelecido.

No mesmo ato de pensar a inclusão, Sassaki (1997) destaca a falha em integrar o aluno ao ambiente escolar sem considerar suas necessidades especiais, além de pensar a inclusão como um processo contínuo e multifacetado, que envolve dimensões arquitetônicas, comunicacionais, metodológicas e atitudinais. Assim, a inclusão não se limita ao acesso físico à escola, mas envolve a participação plena. Ademais, essa distinção se tornou perceptível na prática no momento em que atividades avaliativas eram propostas de maneira homogênea, sem flexibilizações, o aluno em que acompanhei encontrava barreiras para compreender e executar as tarefas. Por outro lado, quando havia adaptações das atividades, ainda que simples, sua participação se ampliava significativamente e auxiliava no entendimento do conteúdo.

Além disso, compreender as necessidades do estudante com TEA em que acompanhei foi significativo para interpretar e analisar os dados coletados. Para um melhor entendimento, desde os primeiros estudos sobre o Transtorno do Espectro Autista de Kanner (1943) o autismo é descrito como condição do neurodesenvolvimento marcada por diferenças na interação social e na comunicação. Posteriormente, Baron-Cohen (2001) aprofundou a discussão ao abordar aspectos cognitivos, como a Teoria da Mente, destacando as particularidades no processamento social da informação. Aqui no Brasil, de acordo com Gadia (2006) o TEA é um transtorno complexo do desenvolvimento, do ponto de vista comportamental, com diferentes etiologias que se manifesta em níveis de gravidade variados.

Ademais, o aluno que acompanhei possuía uma grande dificuldade cognitiva de leitura, escrita e interpretação textual. Seu processo de alfabetização e letramento apresentava falhas significativas que dificultavam seu entendimento aos conteúdos expostos em sala. Durante a monitoria, observei que atividades excessivamente abstratas,



com instruções pouco estruturadas ou predominantemente verbais, além da utilização de grandes textos descritivos geravam maior dificuldade para o aluno, o que reforça a importância de estratégias pedagógicas organizadas e visualmente estruturadas. Percebi que, com mediação adequada, o estudante conseguia avançar em atividades que inicialmente pareciam inacessíveis, evidenciando que o desafio não estava somente em sua capacidade de aprendizagem, mas nas condições de acesso ao conteúdo.

Para pensar esse acesso, é necessário que se considere os serviços de Tecnologia Assistiva (TA), que de acordo com Bersch (2008) a TA compreende não apenas dispositivos tecnológicos sofisticados, mas também recursos simples que ampliam a autonomia e a funcionalidade do estudante, em outras palavras, qualquer recurso que ajude o aluno a ter mais autonomia e participar melhor das atividades pode ser considerado Tecnologia Assistiva. Durante o acompanhamento, observei que estratégias como organização visual das tarefas, uso de esquemas e mediações individualizadas funcionavam como instrumentos facilitadores do processo de aprendizagem.

Dessa forma, este relato de experiência propõe analisar, a partir dos registros de monitoria, como a presença e a ausência de atividades adaptadas impactaram o processo de ensino-aprendizagem de um aluno com TEA. Ao articular vivência prática e fundamentação teórica, busco refletir criticamente sobre os desafios concretos da educação inclusiva, evidenciando que a inclusão não se efetiva apenas por normativas institucionais, mas pela transformação cotidiana das práticas pedagógicas.

## **METODOLOGIA**

O presente trabalho caracteriza-se como um relato de experiência com abordagem qualitativa, desenvolvido a partir de minha atuação como monitor no acompanhamento pedagógico de um aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA), em uma instituição de ensino localizada em Belém do Pará, no período de setembro de 2025 a janeiro de 2026. A escolha pela abordagem qualitativa justifica-se pelo interesse em compreender os significados, práticas e processos envolvidos na presença e na ausência de atividades adaptadas no cotidiano escolar. Além de revisão bibliográfica e análise documental dos relatórios de observação e acompanhamento produzidos durante o período da monitoria. Além dos relatórios escritos, foram analisadas fotografias das atividades adaptadas realizadas durante o acompanhamento. As imagens serviram como fonte complementar de dados, permitindo examinar elementos concretos da adaptação.

## **DISCUSSÕES**



A análise dos relatórios de monitoria, associada ao mapeamento da frequência de atividades adaptadas, de acordo com a tabela 1 abaixo, e à observação das atividades fotografadas nas disciplinas de Matemática e História, de acordo com as figuras 1 e 2 que estão abaixo, permite aprofundar a compreensão sobre como as adaptações foram efetivadas no cotidiano escolar e quais limites estruturais ainda persistem. Ademais, os dados indicam que a disciplina de Matemática apresentou maior recorrência de adaptações ao longo do período analisado, enquanto História registrou apenas uma ocorrência formal de adaptação. Contudo, a análise qualitativa das atividades fotografadas revela nuances importantes sobre o tipo de flexibilização realizada e seu alinhamento, ou não, aos princípios da educação inclusiva.

Tabela 1 – Mapeamento da presença de atividades adaptadas por disciplina  
(setembro/2025 a janeiro/2026)

| Disciplina | Educação Física | Inglês | Ciências | História | Artes | Filosofia | Matemática | Ensino Religioso e demais disciplinas |
|------------|-----------------|--------|----------|----------|-------|-----------|------------|---------------------------------------|
| 1 vez      | ✓               |        |          | ✓        |       |           |            |                                       |
| 2 vezes    |                 |        |          |          |       |           |            |                                       |
| 3 vezes    |                 |        |          |          |       |           |            |                                       |
| 4 vezes    |                 |        |          |          |       |           | ✓          |                                       |

Fonte: Pesquisa de Campo (2026).

Figura 1 - Atividade de Matemática



Fonte: Pesquisa de Campo (2026).

Figura 2 - Atividade de História



Fonte: Pesquisa de Campo (2026).

A atividade de Matemática analisada apresenta uma situação-problema contextualizada, acompanhada de apoio visual, imagem da personagem, e organizada em uma tabela estruturada pelos dias da semana. A proposta envolve o cálculo de multiplicação simples a partir da repetição diária de uma quantidade fixa, ou seja, três biscoitos por dia. Observa-se que a atividade foi planejada com divisão clara dos dias, comandos objetivos e fragmentação das questões, o que contribui para maior





previsibilidade e organização da tarefa. Essa estrutura dialoga com a teoria de Baron-Cohen (2001), ao considerar que estudantes com Transtorno do Espectro Autista tendem a responder de forma mais eficaz a atividades previsíveis, sequenciais e bem estruturadas.

A organização visual em colunas, aliada à repetição de um padrão numérico, favorece a sistematização do raciocínio e reduz possíveis sobrecargas no processamento das informações. Ademais, de acordo com as necessidades do aluno supracitadas que acompanhei, a atividade fotografada e as demais atividades da mesma disciplina atenderam e contribuíram significativamente para o entendimento do aluno, levando assim, a finalização da mesma sem nenhuma dificuldade.

Além disso, a fragmentação das perguntas também se aproxima da concepção de mediação proposta por Vygotsky (1998). Ao dividir a atividade em etapas progressivas, primeiro completar a tabela, depois calcular o total da semana e em seguida considerar apenas sábado e domingo, cria-se, então, uma sequência de complexidade gradual. Essa organização possibilita a atuação na Zona de Desenvolvimento Proximal, promovendo avanços cognitivos no aluno por meio de apoio estruturado.

A atividade de História fotografada apresenta uma proposta de associação entre imagens e grupos sociais da Grécia Antiga. Observa-se a predominância de suporte visual, com figuras representando diferentes categorias sociais e objetos correspondentes. O exercício consiste em ligar os grupos aos respectivos objetos. do ponto de vista cognitivo, e a partir do entendimento das necessidades do aluno, essa organização visual favoreceu a aprendizagem do mesmo ao reduzir a exigência de produção textual extensa e privilegiar reconhecimento e associação. De acordo com Baron-Cohen (2001), tarefas baseadas em categorização e associação visual podem ser mais acessíveis do que atividades exclusivamente discursivas.

Entretanto, a análise dos relatórios indica que essa adaptação ocorreu de forma pontual, não configurando prática recorrente na disciplina. O que reforça a reflexão de Mantoan (2003), segundo a qual a inclusão exige reorganização contínua das práticas pedagógicas. A presença isolada de uma atividade adaptada não garante sistematização da acessibilidade curricular. Essa comparação entre Matemática e História evidencia que a eficácia das adaptações esteve diretamente relacionada à estruturação da tarefa e à previsibilidade da organização.

## **CONCLUSÃO**

Os dados apresentados e analisados nesse trabalho evidenciam que as adaptações curriculares identificadas foram planejadas e implementadas pelos próprios professores das disciplinas, o que demonstrou reconhecimento, por parte do corpo docente, da necessidade de flexibilização pedagógica frente às necessidades especiais do estudante. Esse dado é relevante, pois indica que as práticas inclusivas não estavam deslocadas da



responsabilidade docente, mas inseridas, ainda que de forma não homogênea, no planejamento pedagógico das áreas analisadas.

Além disso, a ausência de adaptações sistemáticas em algumas disciplinas evidencia que ainda há desafios na consolidação de uma cultura escolar plenamente inclusiva. A inclusão efetiva demanda planejamento coletivo, diálogo interdisciplinar e fortalecimento da formação docente, de modo que a flexibilização curricular se constitua como prática estruturante e não episódica. Conclui-se, portanto, que o contexto investigado apresenta avanços importantes, especialmente no reconhecimento, por parte dos professores, de sua responsabilidade na elaboração de atividades adaptadas.

## REFERÊNCIAS

BARON-COHEN, Simon. **Autism and Asperger syndrome**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

BERSCH, Rita. **Introdução à tecnologia assistiva**. Porto Alegre: CEDI – Centro Especializado em Desenvolvimento Infantil, 2008.

GADIA, Carlos. **Aprendizagem e autismo: transtornos da aprendizagem: abordagem neuropsicológica e multidisciplinar**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

VYGOTSKY, Lev Semionovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.